HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

ATITUDES HOMOFÓBICAS ENTRE ADOLESCENTES

HOMOPHOBIC ATTITUDE BETWEEN ADOLESCENTS

ACTITUD HOMOFÓBICAS ENTRE ADOLESCENTES

Marianne Soares de LIMA[1]
Clebson Velasque NOGUEIRA[2]
Francisco Neves de JESUS[3]
Gustavo LEVANDOSKI[4]

Resumo: Este é um estudo descritivo não probabilístico que verificou a percepção de adolescentes sobre aspectos relacionados a discriminação e preconceito de gênero e sexualidade. Participaram do estudo 300 estudantes sendo 135 do sexo masculino e 165 do sexo feminino com média etária de 16 anos, regularmente matriculados em uma escola estadual do município de Dourados-MS, escolhidos pelo critério de acessibilidade. O instrumento utilizado para obtenção dos objetivos foi o questionário de concepções homofóbicas que pretende analisar o grau de concordância ou de discordância dos estudantes entre suas concepções homofóbicas. Os resultados indicaram que 20% não gostariam de ter um colega de classe gay; 23,7% não gostariam de ter um colega de classe travesti; 13,3% não gostariam de ter uma colega de classe lésbica. Considera-se que os estudantes apresentam atitudes de discriminação.

Palavra Chave: Bullying. Homofobia. Preconceito. Estudantes.

Abstract: This is a non-probabilistic descriptive study that verified the perception of adolescents on aspects related to discrimination and prejudice of gender and sexuality. The study involved 300 students, 135 males and 165 females with a mean age of 16 years, regularly enrolled in a state school in the municipality of Dourados-MS, chosen for the accessibility criterion. The instrument used to achieve the objectives was the questionnaire of homophobic conceptions that intends to analyze the degree of agreement or disagreement of students between their homophobic conceptions. The results indicated that 20% would not want to have a gay classmate; 23.7% would not want to have a transvestite classmate; 13.3% would not want to have a lesbian classmate. We conclude that students demonstrate attitudes of prejudice.

Keyword: Bullying. Homophobia. Prejudice. Students.

[1] Graduada em Educação Física pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).
E-mail: mariannesoares71@gmail.com
[2] Bolsista de Iniciação Científica, Curso de Educação Física da UFGD. E-mail: clebsonvelasque@gmail.com
[3] Psicólogo e Mestrando em Psicologia pela UFGD. E-mail: francisco-neves@hotmail.com
[4] Doutor em Educação Física. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: glevandoski@gmail.com

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Resumen: Este es un estudio descriptivo no probabilístico que verificó la percepción de adolescentes sobre aspectos relacionados a la discriminación y el prejuicio de género y sexualidad. En el estudio participaron 300 estudiantes de 135 hombres y 165 mujeres con edad media de 16 años, regularmente matriculados en una escuela estatal del municipio de Dourados-MS, elegidos por el criterio de accesibilidad. El instrumento utilizado para la obtención de los objetivos fue el cuestionario de concepciones homofóbicas que pretende analizar el grado de concordancia o de discordancia de los estudiantes entre sus concepciones homofóbicas. Los resultados indicaron que el 20% no quisiera tener un compañero de clase gay; El 23,7% no les gustaría tener un compañero de clase travesti; El 13,3% no les gustaría tener una compañera de clase lesbiana. Se considera que los estudiantes presentan actitudes de discriminación.

Palabras-clave: Bullying. Homofobia. Preconcepto. Estudiantes.

Introdução

Atos homofóbicos são definidos como um medo irracional da homossexualidade/homossexuais, que inclui, opressão premeditada, discriminação, assédio moral e violência física; também referindo-se a uma expressão que exprime atitudes e comportamentos negativos, de medo ou de ódio, contra gays, lésbicas e transgêneros (PEDROSA, 2006; FAZZANO & GALLO, 2015).

A homofobia existe por conta de uma sociedade patriarcal, que não admite relacionamento homo-afetivos, por pregar a heteronormatividade. O preconceito vem crescendo dia após dia, seja contra homossexuais, lésbicas, bissexuais ou transexuais, isso ocorre pela criação do ambiente familiar. Se o adolesceste foi instruído desde pequeno a sentir repúdio pelas pessoas com orientação sexual oposta a ele, isso será passada de geração para geração. Em muitas situações o preconceito ocorre dentro de casa, pois o indivíduo, quando homossexual, guarda este segredo para não decepcionar seus familiares, podendo trazer prejuízos à saúde mental ou até mesmo ideações suicidas.

Segundo Barreto (2007) por meio da mídia é notável e comum homossexuais sofrerem discriminação diariamente, sendo sujeitos até a agressão física, por grupos homofóbicos. Por esse aspecto hodiernamente um dos assuntos em pauta na atualidade é em relação à diversidade; a luta por igualdade de gênero, contra a discriminação da orientação sexual. Santos e Bernardes (2008) afirmam que a presença de casais homossexuais agride os olhares preconceituosos, pois só de frequentarem o mesmo espaço que os homofóbicos torna-se um desrespeito para esses grupos, ficando visível que eles se incomodam com a presença de pessoas que não sejam

e-ISSN: 2318-1540

heterossexuais. Com base nessa contextualização é notável que pessoas homossexuais são inferiorizadas e agredidas pela sua orientação sexual em seu dia-a-dia.

Devemos salientar que a violência não se restringe apenas nas ruas, ou em parques mais também em locais que são destinados à educação e formação de cidadãos, ou seja, a violência também está presente no ambiente escolar, no qual é denominada como *bullying* (SOUZA, SILVA & FARO, 2015). Estes autores evidenciaram a presença sutil de bullying homofóbico, outra evidência constatada foi que entre os homofóbicos, a maioria são do sexo masculino. O bullying é algo muito comum e recorrendo no ambiente escolar, no qual o bullying homofóbico não está atrelado apenas aos alunos homossexuais, mais também a qualquer aluno que não se encaixe no estereótipo normativo, padrão que socialmente homens e mulheres devem cultivar.

De acordo com Rondini et al. (2017), investigando as concepções homofóbicas de 2.159 estudantes do ensino médio, encontrou que rapazes e moças diferem em praticamente todos os itens sobre como pensam em atitudes homofóbicas, exceto em aspectos como “Eu não gostaria de ter uma professora lésbica”, “Eu jamais transaria com alguém de sexo biológico diferente do meu” e “As mulheres precisam se casar e os homens de um bom emprego”. Segundo Teixeira et al. (2012) investigando sobre as trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades homofóbicas e sexualidade em 2.282 adolescentes de ambos os sexos que cursavam as três séries do ensino médio em três cidades do interior do oeste paulista, verificou que (95,2%) auto definiram-se como heterossexuais, sendo 1.245 (57,7%) do sexo feminino. Para Asinelli-Luz et al. (2011) a discriminação homofóbica no contexto escolar é um problema grave em vários níveis de ensino, e está associada negativamente à percepção dos estudantes sobre o ambiente escolar.

Segundo Poteat e Espelage (2005), o bullying homofóbico pode ser caracterizado por comportamentos associados ao bullying no geral, como agressões físicas, verbais e sexuais, porém revestido de conteúdos homofóbicos, pois se utiliza da orientação sexual como forma de agredir a vítima em situações de homofobia e situações de bullying. O comportamento de bullying homofóbico pode ser expresso em relação quer a pessoas heterossexuais, quer LGBT, ou seja, estudantes heterossexuais podem ser vítimas de homofobia, não pela sua orientação sexual, mas porque são percebidos como sendo diferentes das expectativas tradicionais dos papéis de gênero masculino ou feminino.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

A importância desta temática é enfatizada por diferentes estudos (RONDINI et al., 2017; TEIXEIRA FILHO et al., 2011; ASINELLI-LUZ & CUNHA., 2011) indicando que o índice de preconceito homofóbico no ambiente escolar vai muito além do ensino, o bullying homofóbico resulta em graves agressões. Assim percebe-se que a necessidade verificar a percepção do preconceito homofóbico em estudantes de ensino médio.

Metodologia

Este é um estudo descritivo e não probabilístico que apresentará a percepção de adolescentes sobre aspectos relacionados a discriminação e preconceito de gênero e sexualidade.

Participaram do estudo 300 estudantes sendo 135 do sexo masculino e 165 do sexo feminino com média etária de 16,3 (variando entre 14 e 19) anos regularmente matriculados em uma escola estadual do município de Dourados estado de Mato Grosso do Sul escolhidos pelo critério de acessibilidade.

O instrumento utilizado para obtenção dos objetivos foi o questionário de Rondini, Teixeira Filho e Toledo (2017) que pretende analisar o grau de concordância ou de discordância dos estudantes entre suas concepções homofóbicas. É composto por 30 quentões sendo 3 de caráter positivo e 27 negativo em uma escala likert de 5 pontos. A confiabilidade é considerada boa (Alpha de Cronbach=0,82).

O estudo seguiu as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (196/96), editadas pela Comissão Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados.

Resultados e Discussão

Este estudo identificou a percepção de 300 alunos do ensino médio de uma escola da cidade de Dourados-MS. Na tabela 1 são descritas o valor da frequência entre a concordância ou discordância das respostas na opinião dos alunos que reforçam as situações de discriminação.

Tabela 1. Frequência relativa das questões do questionário em relação aos estudantes.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Item	Questões referentes ao convívio social	Concordo	Discordo
23	Eu não gostaria de ter uma colega de classe lésbica	13,3%	86,7%
24	Eu não gostaria de ter um (a) colega de classe que fosse travesti	23,7%	76,3%
25	Eu não gostaria de ter um (a) colega de classe que fosse transexual	21,4%	78,6%
14	Eu não gostaria de ter uma professora lésbica	10,6	89,4%
15	Eu não gostaria de ter um professor gay	13,3%	86,7%
12	Eu não gostaria de ter um colega de classe gay	20%	80%
	Questão referente a homofobia franca	**Concordo**	**Discordo**
18	Eu aceito ter um amigo gay desde que ele não tenha trejeitos femininos	30,6%	69,4%
19	Eu aceito ter uma amiga lésbica desde que ela não tenha trejeitos masculinos	28%	72%
	Questões referentes ao preconceito a quem não seja heterossexual	**Concordo**	**Discordo**
26	As meninas gostam de namorar e os meninos gostam de 'ficar'	41%	59%
29	As mulheres precisam se casar e os homens de um bom emprego	25,3%	74,7%
	Questões referente aversão à intimidade sexual	**Concordo**	**Discordo**
8	Eu jamais transaria com alguém do mesmo sexo biológico que o meu	74,7	25,3%
22	Eu jamais beijaria/ficaria com alguém do mesmo sexo biológico que o meu	67%	33%
9	Eu jamais transaria com alguém de sexo biológico diferente do meu	12%	88%
	Questões referente a homofobia contida	**Concordo**	**Discordo**
21	Eu tenho medo que meus pais pensem que eu seja homossexual	29,3%	70,7%
20	Eu tenho medo de que meus/minhas colegas pensem que eu seja homossexual	19,4%	80,6%
	Questões referente a Homossexualidade e estigma	**Concordo**	**Discordo**
6	A homossexualidade é um desvio de conduta e deve ser curada	19,3%	80,7%
7	As travestis são pessoas doentes mentais que precisam de auxílio psiquiátrico ou psicológico	23,4%	76,6%
1	Homossexuais são uma ameaça para a sociedade	13,3%	86,7%
27	Sou a favor de gays e lésbicas adotarem filhos(as)	58,3%	41,7%
30	Sou contra a ideia de gays e lésbicas viverem juntos	15%	85%
	Questões referentes ao convívio social	**Concordo**	**Discordo**
23	Eu não gostaria de ter uma colega de classe lésbica	13,3%	86,7%
24	Eu não gostaria de ter um (a) colega de classe que fosse travesti	23,7%	76,3%

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

25	Eu não gostaria de ter um (a) colega de classe que fosse transexual	21,4%	78,6%

A caracterização dos participantes indicou que 52% são estudantes do 3º ano do ensino médio e todos no período matutino, 52,6% pertencem a religião católica, 69,7% são filhos de pais casados, 7% se declararam como fumantes, 25% já tiveram sua primeira relação sexual e deste total 75% descreveram não utilizar preservativo, onde atualmente 43,5% estão namorando ou "ficando" com alguém.

Notamos que na maioria das respostas não temos afirmações homofóbicas referentes ao convívio social, chamamos a atenção para o item 24 e 25 onde podemos encontrar em pequenas porcentagens formas de discriminação com travesti e transexuais, as quais podem ser denominadas de transfobia, caracterizada pela estigmatização e marginalização de pessoas transgênero (FERREIRA et. al. 2017).

Verificou – se uma alta porcentagem de homofobia dentre os adolescentes, sendo algo preocupante. Segundo Barros e Bicalho (2017) falar de homofobia é semelhante a falar de medo, pois desde cedo crianças aprendem a não serem parecidas como homossexuais, nesse sentido, a homofobia é disfarçada através das preocupações da proteção da espécie.

Referente ao preconceito de como uma mulher deveria agir, embora como mostrado na tabela, a maioria dos alunos não são favoráveis a dizer de que forma as mulheres devem se comportar, ainda temos um número significativo de 35% dos alunos entrevistados. Sobre a questão "as meninas gostam de namorar e os menino de ficar", ainda temos a imagem de que o homem seja o conquistador e a mulher tem que ser mais reservada.

Em relação a iniciação da vida sexual dos adolescentes, no qual é caracterizada pela aceitação de sua orientação sexual. No qual podemos levar em consideração que pode haver o aspecto da pressão social influenciando nas suas escolhas, muitas vezes buscando a aceitação social (RONDINI et al., 2017).

Chamamos a atenção para o elevado número de porcentagem favorável referente a homofobia interiorizada, a qual é caracterizada pelo fato de o adolescente poder vir a se confundir por uma pessoa homossexual, por mesmo que ele não seja, cria um receio que seja confundido como um, demonstrando um grau de homofobia, no qual o adolescente contenha seus desejos para que esteja dentro do padrão de normalidade (RONDINI et al., 2017).

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Como mencionado anteriormente até mesmo os homossexuais assumidos terão a sua sexualidade contida em alguma parte de seu dia a dia pois uma pessoa homossexual estará sempre atrelado ao fato dessa pessoa assumir ou não a própria sexualidade, a todo instante, sendo em uma escola, no ambiente de trabalho, ou em uma turma nova, em emprego novo essa pessoa estará condicionada a se assumir ou não para os demais, ou seja, novamente essa pessoa terá que se assumir (SEDGWICK, 2007).

O sentimento de estigmatização pode ser notado em alguns adolescentes por desconhecerem ou por acreditarem que a homossexualidade seja uma doença, tal percepção pode ser atrelada a falta de informação de que desde de 1973 Associação Americana de Psiquiatria deixou de considerar a homossexualidade uma doença, passando a ser considera uma expressão da sexualidade humana. O Conselho Federal de Psicologia desde 1999 por meio da resolução n. 01/1999 proíbe os Psicólogos de tratarem a homossexualidade como uma doença (RONDINI et al., 2017; RESOLUÇÃO n. 01/1999).

Ao analisarmos o item 27 notamos que em maioria dos estudantes entrevistados são favoráveis a gays e lésbicas adotarem filhos, demonstrando que na atualidade uma família pode ser composta por pais de mesmo sexo.

Mott (2006) afirma que os "homossexuais continuam a ser as principais vítimas do preconceito e da discriminação. Todos nós já ouvimos mais de um pai declarar: "prefiro ter um filho ladrão do que homossexual"! E não nos acusem de apelar para o vitimismo, pois os dados comprovam inegavelmente que, de todas as minorias sociais, os homossexuais são os mais vulneráveis: em Brasília, 88% dos jovens entrevistados pela Unesco consideram normal humilhar gays e travestis, 27% não querem ter homossexuais como colegas de classe e 35% dos pais e mães de alunos não gostariam que seus filhos tivessem homossexuais como colegas de classe".

Grande parte dos entrevistados discordam que as travesti não podem entrar na escola vestidas de mulher. Segundo António et al. (2012), em sua pesquisa com estudantes de Portugal os resultados indicaram que prevalece a violência psicológica e a vitimização de rapazes; os comportamentos de agressão são desvalorizados; subsiste uma não intervenção nas situações presenciadas; existem consequências psicológicas significativas para as vítimas de bullying homofóbico, em comparação com as não-vítimas. Defende-se a importância de

e-ISSN: 2318-1540

conceber programas de sensibilização, de criar medidas de proteção para as vítimas, e ainda de aprofundar a investigação desta temática".

Muitos acreditam que a orientação sexual é uma escolha, segundo Sedgwick (2007), esboçando uma reflexão sobre a epistemologia do armário, cita que o "armário" é como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores do sexo.

Adoção de crianças por gays, segundo Lopes (2013) em sua pesquisa trouxe "os resultados mostram que desejar ter um filho, ser capaz de amá-lo e se responsabilizar por ele não estão sujeitos a nenhuma orientação sexual, nem se restringem a um desejo de normalização. A construção do sentimento de paternidade tanto pode acontecer no contato diário com a criança, quanto desde o primeiro momento em que a veem. O relacionamento com o filho sofre influência da relação que eles possuem com a própria sexualidade, omitindo sua orientação sexual".

Conclusão

Apesar desta análise superficial dos dados, no que se refere a magnitude de um problema de esfera mundial, nossa visão permite afirmar diante os dados que os estudantes apresentam ações de discriminação. Entretanto este resultado não permite afirmar se os estudantes materializam estas ações na intenção de vitimar seus pares, uma vez que a constatação deste resultado é intrínseca ao indivíduo, desde que não seja exteriorizada.

Agradecimento

Os autores agradecem ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, (PIBIC-UFGD) pela concessão da bolsa de Iniciação Científica para o financiamento e execução deste projeto de pesquisa.

Referência

ASINELLI-LUZ, A. CUNHA, J. M. da. Percepções sobre a discriminação homofóbica entre concluintes do ensino médio no Brasil entre 2004 e 2008. *Educ. rev.* [online] 2011, n. 39, pp.87-102.

BARRETO, R. C. V. A homossexualidade em foco: Discutindo o padrão masculino dominante. In: *Anais...* 2° Seminário Nacional de Ciência Política da UFRGS. Democracia em Debate, 2009.

BARROS CASSAL, L. C.; DE BICALHO, P. P. G. Homofobia e sexualidade: o medo como estratégia de biopoder. *Revista de Psicologia da Unesp*, Assis. [S.l.], v. 10, n. 2, p. 57-64, set. 2017.

FAZZANO, L. H., GALLO, A. E. Uma Análise da Homofobia Sob a Perspectiva da Análise do Comportamento. Trends in Psychology. *Temas em Psicologia, 23*, (3), p. 535-545, 2015.

FERREIRA, B. de O.; NASCIMENTO, E. F. do; PEDROSA, J. I. dos S.; MONTE, L. M. I. do. Vivências de travestis no acesso ao SUS. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.27, n.4, p.1023-1038, 2017.

LOPES, J. R. de L..O direito ao reconhecimento para gays e lésbicas. *Sur, Rev. int. direitos human.* [online]. 2005, v. 2, n. 2, p.64-95.

MOTT, L. *Homofobia*: a violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil. San Francisco, USA: Editora IGLRHC, 1997.

PEDROSA, J. B. *Segundo desejo*. São Paulo-SP: IGLU, 2006.

POTEAT, V. P., ESPELAGE, D. L. Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. *Violence and Victims,* 20, p. 513-528, 2005.

RESOLUÇÃO n° 001, de 22 de março de 1999. *Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual*. Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: out. de 2017.

RONDINI, C. A.; TEIXEIRA FILHO, F. S.; TOLEDO, L. G.. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio.*Psicol. USP* [online] v. 28, n. 1, p. 57-71, 2017.

SANTOS, J. P. dos; BERNARDES, N. M. G. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. In ZANELLA, AV., et al., org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 289-296.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu* [online], Campinas, n. 28, p.19-54, 2007.

SOUZA, J. M. de; SILVA, J. P. da; FARO, A. A. Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 19, n. 2, p. 289-298, ago. 2015.

TEIXEIRA, F. S.; MARRETTO, C. A. R.; MENDES, A. B.; SANTOS, E. N. dos. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicol. cienc. prof.* [online], v. 32, n. 1, p.16-33, 2012.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A.; BESSA, J. C. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. *Educ. Pesqui.* [online], v. 37, n. 4, p. 725-741, 2011.

Enviado: 08/05/2018
Aceito: 01/09/2018